

Coletânea de poemas 2013



Miguel Guggiana
Organizador

Alvaro De Souza Gomes Neto | Ari Ferrão
Carlos Job | Cláudio | Diego Chimango
Dinair Fernandes Pires | Fernanda Noal | Júlio Perez
Getulio Vargas Zauza | Leonardo Nunes Nunes
Maria Cristina Martins | Marlene Kremer
Pertes Carolino Pinto | Régis Caanabarro
Telmo Gosch | Victor Scofield

*“Mas o que quer dizer este poema? -
perguntou-me alarmada a boa
senhora.*

*E o que quer dizer uma nuvem? -
respondi triunfante.*

*Uma nuvem - disse ela - umas vezes
quer dizer chuva, outras vezes bom
tempo...”*

Mario Quintana

*“Há muitas maneiras sérias de não
dizer nada, mas só a poesia é
verdadeira”.*

Manoel de Barros

O que dizer, então, sobre uma coletânea de poemas, ainda mais em se tratando de uma coletânea coletiva? Como dar conta da diversidade de temas, estilos, abordagens, perspectivas? Diante da dificuldade anunciada – ou da impossibilidade de síntese e tradução –, limito-me a reunir um conjunto de substantivos, na tentativa de adiantar parte da matéria-prima que os autores aqui reunidos utilizam na composição de seus versos. Sentimentos, impressões, relatos, divagações, sonhos, confissões, silêncios, recordações, viagens, (des)ilusões, retratos, aspirações, desabafos, sensações... Tudo isso e muito mais você poderá encontrar na voz do sujeito poético de cada texto que o organizador teve a sensibilidade de selecionar para nosso deleite. Com a palavra, os poetas...

Nathalia Sabino Ribas, mestra em
Letras, revisora de textos da UPF
Editora

MIGUEL GUGGIANA (ORG.)

ÁLVARO DE SOUZA GOMES NETO
ARI FERRÃO
CARLOS JOB
CLAUDIÃO
DIEGO CHIMANGO
DINAIR FERNANDES PIRES
GETULIO VARGAS ZAUZA
JÚLIO PEREZ
LEONARDO NUNES NUNES
MARIA CRISTINA MARTINS
MARLENE KREMER
PERTES CAROLINO PINTO
RÉGIS CAANABARRO
TELMO GOSCH
VICTOR SCOFIELD

Coletânea de Poemas 2013



Acrílica sob tela – Abstrato – Silvana Oliveira



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

MIGUEL GUGGIANA (ORG.)

ÁLVARO DE SOUZA GOMES NETO
ARI FERRÃO
CARLOS JOB
CLAUDIÃO
DIEGO CHIMANGO
DINAIR FERNANDES PIRES
GETULIO VARGAS ZAUZA
JÚLIO PEREZ
LEONARDO NUNES NUNES
MARIA CRISTINA MARTINS
MARLENE KREMER
PERTES CAROLINO PINTO
RÉGIS CAANABARRO
TELMO GOSCH
VICTOR SCOFIELD

Coletânea de Poemas 2013

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Poesia, -Passo Fundo:Projeto Passo Fundo, 2013.
108.; 21 cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-CompartilhaQual 3.0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelos Autores em: 24/06/2013

C694 Coletânea de poemas 2013 [recurso eletrônico] / Miguel Guggiana (org.) ; Álvaro de Souza Gomes Neto ... [et al.]. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013. E-book (formato PDF). ISBN 978-85-8326-009-7

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Guggiana, Miguel, coord. II. Gomes Neto, Álvaro de Souza. III. Título.

CDU: 869.0(81)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

| | |
|-------------------------------------|----|
| Apresentação..... | 11 |
| Prefácio..... | 13 |
| ÁLVARO DE SOUZA GOMES NETO | 15 |
| Paz..... | 15 |
| Pelas esquinas..... | 16 |
| Matiz | 17 |
| Xadrez..... | 18 |
| Tentáculos | 19 |
| A Pedra..... | 20 |
| Sé..... | 21 |
| Fatos/Fotos | 22 |
| Luar..... | 23 |
| Cartas | 24 |
| ARI FERRÃO..... | 25 |
| SER GAÚCHO..... | 25 |
| NA PRAÇA, TARDE DE UM DOMINGO | 26 |
| NÃO ESCOLHI ME APAIXONAR..... | 27 |
| CARLOS JOB..... | 28 |
| SAUDADE..... | 28 |
| ODE AO BAR..... | 29 |
| RETRATO DO ABSURDO | 31 |
| CLAUDIÃO..... | 33 |
| Silêncio | 33 |
| DIEGO CHIMANGO | 34 |
| Dádiva..... | 34 |
| Mulher | 36 |
| Pétalas do Coração | 37 |
| FERNANDA NOAL | 38 |
| Vai Entender | 38 |
| Bilhar..... | 39 |
| Vulnerável..... | 40 |
| Sem Razão Alguma..... | 41 |
| DINAIR FERNANDES PIRES..... | 42 |
| DUALIDADE | 42 |
| Colo de mãe..... | 44 |



| | |
|------------------------------|----|
| ComPAIXÃO | 46 |
| TRISTEZA..... | 48 |
| VAZIO | 49 |
| CHUVA | 50 |
| Trilogia do rio | 52 |
| MÃOS ENROLADINHAS..... | 53 |
| DESPEDIDA/ÚLTIMA VEZ..... | 55 |
| ABRAÇO DO SILÊNCIO | 57 |
| GETULIO VARGAS ZAUZA | 58 |
| Navegando na ilusão | 58 |
| Compaixão..... | 59 |
| Sou..... | 60 |
| JÚLIO PEREZ..... | 61 |
| Império do Novo..... | 61 |
| MARIA PEQUENA..... | 64 |
| LEONARDO NUNES NUNES | 67 |
| Viandante..... | 67 |
| O Sonho..... | 69 |
| MARIA CRISTINA MARTINS | 72 |
| Fera Rubra..... | 72 |
| MARLENE KREMER..... | 73 |
| DESCOLORINDO FLORES | 73 |
| CÓDIGO | 74 |
| UM ESTRANHO NO NINHO | 75 |
| PERTES CAROLINO PINTO..... | 77 |
| RITMO COMPASSADO | 77 |
| ROSAS E MULHERES..... | 78 |
| OLHANDO PELA JANELA | 79 |
| NEGRO..... | 80 |
| MAR | 81 |
| Tempo..... | 82 |
| BOCA..... | 83 |
| SER ENIGMÁTICO..... | 84 |
| COQUETEL DE AMOR | 85 |
| PLENITUDE..... | 86 |
| RÉGIS CAANABARRO | 87 |
| FRÁGIL..... | 87 |
| SINTONIA..... | 88 |



| | |
|------------------------------|-----|
| MINHA JANELA..... | 89 |
| SEGREDOS..... | 90 |
| MUSA..... | 91 |
| MULHERES | 92 |
| MULHERES II..... | 93 |
| CAMINHOS..... | 94 |
| LOBO DAS ESTEPES..... | 95 |
| TUA PRESENÇA..... | 96 |
| TELMO GOSCH | 97 |
| C A T A - V E N T O..... | 97 |
| ERVA MATE... CHIMARRÃO | 99 |
| Coxilha..... | 101 |
| VICTOR SCOFIELD | 103 |
| FICÇÃO CIENTÍFICA | 103 |



Apresentação

Ser organizador de uma coletânea de poemas é motivo de satisfação. Mas é, também, uma tarefa que requer responsabilidades e que envolve dúvidas. Diante do universo de textos de qualidade apresentados no Projeto, como selecionar alguns? Ao realizar as leituras pensando nesse desafio, pude perceber que certos poemas haviam sido datados. E, mais, pude constatar o quanto esses poemas aguardaram por leitores.

Portanto, contrariando Quintana, quando recomenda “Teus poemas, não os dates nunca.../ Um poema não pertence ao Tempo.../ Em seu país estranho,/ Se existe hora, é sempre a hora extrema”, optamos por manter tal informação naqueles poemas que a traziam originalmente, de modo a ressaltar o valor que o Projeto Passo Fundo possui, ao dar visibilidade àqueles escritos que, por tanto tempo, permaneceram encerrados em gavetas, à espera de um olhar sensível para acolhê-los. Como o seu.

O organizador
Miguel Guggiana





Prefácio

ESTAS PÁGINAS

É com alegria que apresento a Coletânea de Poemas 2013, resultante do Projeto Passo Fundo, por acreditar poder contribuir para um mundo melhor ao divulgar a cultura através da literatura.

Estas páginas foram organizadas por Miguel Guggiana (também participante), que fez valer seu trabalho ao reunir poetas que iluminam e multiplicam palavras, pensamentos, sentimentos e desejos, que revelam com criatividade. Refletem as ideias na linguagem; nas palavras a sensibilidade e os sentidos ao explorarem a significação poética. A obra apresenta o que cada poeta tem de especial na arte de escrever.

A Coletânea é fruto dessa colheita, que agora é acontecimento através do projeto construído e realizado. Trata-se de espaço de arte que reflete os poemas, como inspiração, na revelação da palavra. Como expressa Jorge Luis Borges, *“O pensamento para a poesia são as palavras, e essas palavras são o próprio dialeto da vida”*.

Estas páginas expõem os segredos das palavras, e cabe ao leitor desvendá-los magicamente, porque os poemas se comunicam com a linguagem da liberdade e nos levam a criar novos caminhos, sonhar e até mesmo vivenciá-los. Representam a consolidação do livro ao expandir conhecimento e deslumbrar o pensamento: retratam ângulos diversos dos escritores que mudam de janelas para abranger visões maiores da paisagem.

Tal criação literária demonstra o movimento que desfia palavras que se transformam em imagens, na cumplicidade da diversidade de experiências sociais e históricas, que se configuram com linguagem de ritmo e brilho, mostrando as diferenças e seus opostos, em várias vozes. As palavras não aparecem por acaso, são escolhidas; criadas na pluralidade de seus significados e desenhadas em diferentes grafias. O poema torna-se o instante do poder pessoal.

Incrementam estas páginas a busca pela criação poética e a pluralidade de estilos. Fatores que fazem com que se deseje, por mais



tempo, ler as impressões e expressões que revelam o talento dos escritores através de seus impulsos poético-criativos.

Recomendo a leitura da Coletânea por trazer os melhores exemplos de poesias, que revelam semelhanças em diferenças nos traços destas páginas.

Tânia Du Bois, Pedagoga.
Articulista, cronista e resenhista.



ÁLVARO DE SOUZA GOMES NETO¹

Paz

Álvaro de Souza Gomes Neto

... e acordar no meio da noite
Olhar na penumbra seu corpo estendido
... e ficar recostado à porta do quarto
No silencio ouvir você respirar e
sonhar
Os gritos lá fora anunciam que a paz
nunca foi infinita
E na madrugada, cada vez mais bonita
Você se confunde com o amanhecer...

PoA
Ago76

¹ Doutor em História pela PUC/RS, foi coordenador dos cursos de Relações Internacionais e de Comércio Exterior da Faculdade Anglo-Americano de Passo Fundo. Atualmente é professor de História da FAPA-Faculdade Porto Alegrense, em Porto Alegre.



Pelas esquinas

Álvaro de Souza Gomes Neto

Em cada esquina desse Porto
Às vezes triste e muitas vezes tão alegre
Descubro em passos um compasso de viver
Que sempre sonho que jamais vou esquecer
De procurar uma razão pro meu andar,

Não sei se me procuro nesses cantos
Pro meu espanto me perco em vinhos e cervejas
E nas cerejas dos martinis pré-amores
Os dissabores se dissolvem sem querer
Que nos espelhos se reflete meu olhar,

Oswaldo Aranha, emaranhado de culturas
As tuas curas me enovelam a cabeça
No teu Luar-Luar cotovelos sobre a mesa
Esperando o golpe à galope na bandeja
Não deixa prenha, megalópolis das ruas
Minha vontade de viver do teu cantar,

Esquinas minhas,
Quanta coisa pra saber...e ainda por sonhar.

PoA,07.86.



Matiz

Álvaro de Souza Gomes Neto

Teus olhos uma hora são verdes,
Outras, azuis,
Ou castanhos?

É essa tua pupila que não para quieta
Sempre querendo ter aquilo tudo
Aquilo que a gente persegue a vida inteira
E nunca alcança
É como correr atrás da própria sombra...

Por que tu não te contentas com uma cor só?

PoA,08.86



Xadrez

Álvaro de Souza Gomes Neto

Pálpebras cerradas
A vislumbrar melhor a luz
Não te quero toda, um pedaço, talvez uma ponta
Um toque
Um choque, talvez uma afronta
Flash instantâneo
Espelho que me seduz

Te supus assim, já nem sei
Falhei num lance
Procuro as peças desse xadrez, talvez me enganei
Mas fico, percebo então, ficas também
Joguemos, pois, joguemos dois, depois...

É ver o chão esparramado e mal
Um bom sinal debaixo dos lençóis
Tem um planeta que também tem dois sóis
Nosso xadrez tem gosto de água e sal

Mas te creio, e vou pagar pra ver
Bom jogador persegue até o fim
Acho que sim
Um sorriso, a mão na mão, o paraíso

No cheque-mate nós dois ganhamos,
Afinal,
A vida é só isso, que tal?

Lisboa, 10.86.



Tentáculos

Álvaro de Souza Gomes Neto

Por que me pego assim,
perseguido o que não posso?
Se não entendo então penso, fico e gosto.
Que explicações então vou dar,
se quanto menos compreendo, mais fico a gostar?

Você agora me vem com coisas que vão além
E o que procuro encontro em seres que sou também

Loucura desvairada, poética, tresloucada
que me fascina e seduz,
Eu que supus no infinito deixar distante
esse grito,
me vejo assim refletido na tua réstia de luz

É uma sombra de mim,
a prolongar pelo chão,
se me escorrega dos olhos, segura na minha mão
Que insaciável prazer encontrar outro ser
Quanta vida ainda, por viver!

Lisboa, 22.10.86.



A Pedra

Álvaro de Souza Gomes Neto

Quando na beira da praia eu te sonhava
Sentado numa pedra, a minha pedra
Olhava o mar tocando o horizonte
E te percebia caminhando por sobre as ondas,

Nesse momento tão sublime eu te amava
E construía a nossa casa sobre a pedra
Te esperava sentado na varanda
Tu chegar num sorriso sobre as ondas,

De braços estendidos te chamava
Prá te fazer amor naquela pedra
Queria então te olhar e te dizer
O quanto eu te esperava sobre as ondas,

Mas aos poucos percebi, entristecido,
Que apesar de te sentir naquela pedra
Tua imagem ia sumindo no horizonte
E nada mais restar por sobre as ondas,

Olhei para trás e não vi mais a nossa casa
Restava apenas eu e aquela pedra
Na linha do infinito as gaivotas
Voavam sonhadoras sobre as ondas,

Percebi então que aquela simples pedra
Era o santuário dos meus sonhos
Quando na beira da praia eu te sonhava
Te esperando chegar por sobre as ondas.

São Paulo, jul.87.



Sé

Álvaro de Souza Gomes Neto

A Estação da Sé é ponto de articulação
Do movimento
Da procura
Do tempo
Da decisão
Dos rumos que levam ao coração,

Passam os trens debaixo da velha praça...

Recostado ao parapeito posso ver
Quase de graça
O jeito estranho e recatado
A alegria e o abandono
No emaranhado de cabeças
Que espelham dor ou carinho
Que se chocam ou se encontram
Na procura do caminho,

A Estação da Sé é o ponto nevrálgico
Dos desencontros e guardas
Dos que buscam na grande cidade
A sua própria identidade.

A Estação da Sé é
O nada do tudo
O tudo do nada
A esperança no futuro
Ou a fé desencantada,

Ela é..
o que se quiser que ela seja...



Fatos/Fotos

Álvaro de Souza Gomes Neto

Cheguei assim, de repente
Mil cuidados, sem barulhos
Abri a porta da frente
Nas mãos um ramo de flores,
 Trazia o coração apertado
 Por um tempo distante
 Iria a qualquer instante
 Me colocar ao teu lado

Atravessei a varanda,
Trocaste os móveis da sala
Bisbilhotando no tempo
Quase não lembro de nada,
 Mas procurei o retrato
 Que te mostrava sorrindo
 Enquanto eu te abraçava
 Por sobre um manto de amor,

No quarto então, não estavas
A cama não reconheço
Tudo mudou, te encontrei
Me olhando no toucador,
 Tu eras toda ternura
 Singelo olhar, todo teu
 Mas ao teu lado, doçura
 O rosto não era o meu.

São Paulo, set.87.



Luar

Álvaro de Souza Gomes Neto

Lua no céu limpo e claro
É cheia
Vento manso serpenteia
É regalo do olhar,

Anoitece sem perigo
Nas estrelas o abrigo
Do sonhar,

Cheia no céu limpo e claro
É lua
Vento manso perpetua
É descanso do querer,

Anoitece na floresta
Das estrelas tudo resta
pra dizer.

Canela/RS, jan.88.



Cartas

Álvaro de Souza Gomes Neto

Quando eu falei que queria uma carta tua
Não esperava nenhuma antologia poética
Nem tampouco frases escolhidas a dedo no Aurélio,

Quando eu falei que queria uma carta tua
Poderiam ser umas simples palavras
Tipo saudades e beijos
Tipo falta você aqui do meu lado,

Contudo os dias passam, nenhuma palavra
Nenhum beijo, nenhuma saudade
Às vezes as coisas fáceis são tão difíceis de dizer...

Porto Alegre, abril.88.



ARI FERRÃO²

SER GAÚCHO

Rio Grande do Sul é um estado alegre, pujante que busca
desenvolvimento,
Com vocação para o crescimento, vinda do seu povo solidário e
trabalhador,
E pelas suas belezas com variadas riquezas, presentes da própria
natureza.
Com certeza este chão amado, foi escolhido e abençoado pelo criador.

Estão falando por aí, que o nosso estado é diferente dos outros existentes,
Concordo, somente se for um elogio ao povo Gaúcho, o qual é formado,
De uma miscigenação de raças, que resultou num povo com amor à
tradição,
As nossas coisas, nossa terra, nossas raízes, legado de nossos
antepassados.

Presenciei e ouvi comentários sobre um assunto, que considero vago,
Falavam, para ser Gaúcho tem que ser filiado ao MTG, para mim
inverdade.
Entendo que o tradicionalismo nasceu para ajudar, fortalecer e
desenvolver,
A Cultura Gaúcha, passada de geração em geração, sendo uma
continuidade.

Na minha opinião, todo aquele que nasce no Rio Grande do Sul, é gaúcho,
Não importa qual é a sua raça, ou cor, ou credo religioso, ou profissão.
Com prazer quero dizer, que tenho a honra e muito orgulho de ser gaúcho.
Por mais distante que eu vá, levo o Rio Grande no peito, ao lado do
coração.

² Tradicionalista, Patrão do CTG Lalau Miranda, poeta estreado.



NA PRAÇA, TARDE DE UM DOMINGO

Ari Ferrão

Espaços, sol dominador,
Sombra menor, não satisfaz,
Poucas árvores, negativo,
Resolver como, incapaz.

Quente, grande exagero,
Mais vento, bom seria,
Folhas nem balançam,
Forte calor, foge alegria.

Esportes, quase impraticáveis,
Alguns, base calmarias,
Frustrados os presentes,
Apostar, jogar gostariam.

Desconforto, calor demais
Quando, chuva também,
Impossível, ótimo lazer
Importante, clima convém.

Na praça, tarde domingo,
Encontro, pessoa querida,
Prazer, elevado fica,
Importante nossa vida.



NÃO ESCOLHI ME APAIXONAR

Ari Ferrão

Na escola conheci uma estudante linda,
Momento que disparou meu coração,
Nós ainda com pouca experiência de vida,
Quando tudo transformou-se em emoção,

Era época que eu nem pensava em namorar,
Não fui eu que escolhi me apaixonar,
Os meus sentimentos prevaleceram,
Foi a linda estudante que me fez mudar.

Apaixonado, quem procurou ela foi eu,
Toquei em seus lábios, senti seu calor,
Curtimos aqueles momentos,
Entre nós tudo aconteceu,

Agora concluímos o curso, vamos nos formar,
E já decidimos, não vamos mais nos separar,
Queremos juntos desfrutar a vida, com felicidade,
Por isso, nosso amor vai continuar.



CARLOS JOB³

SAUDADE

Saudade...
Sentimento nostálgico
Que parece nos transportar
Até a pessoa de nós distante ...
... IRONIA...
A saudade é que traz
A pessoa distante
Até nossa companhia!

³ Ator de Teatro, poeta estreante. Integrante do Projeto Passo Fundo; Professor; Diretor de Produção Teatral; Contista;



ODE AO BAR

Carlos Job

Para Ênio e Nica (in memoriam)

Dileto bar
De colóquios ardentes,
De conversas amigas
Com amigos da gente!

Dileto bar
De comemorações festivas
De desamores latentes
Na ânsia da vida!

Dileto bar
Qual casa é casa
É a própria parada
De quem anda pela vida!

Dileto bar
Onde dividem-se alegrias
Curtem-se as tristezas...



E de relance passa uma guria...

Pre – dileto bar
Austero confessor dia após dia,
E o sentido não especula:
“Bar... boêmio... boemia!”



RETRATO DO ABSURDO

Carlos Job

Nascituro de franzino corpo.
Esbelto! Pensariam os desavisados,
Qual nada, esguio é o nascente
Teimosia premente
De quem quis nascer sadio
E que por ordem diferente
Hoje veio à luz, pensando ser ontem!

Nascituro de magreza esquálida
Vertente de uma amanhã sem sonho,
É raquítico o futuro nubente
É filho da saúde adoecida
É desnutrido...
É miserável...

Qual seu pai... será pai
De sonhos infantis esmaecidos,
De sonhos adolescentes contidos,
E nada mais almejará
Que trabalho, esposa e filhos!



Mas, é nascituro de fome provido
Tal qual, como tantos meninos
Diferentes talvez ... no afã social ...
... será simples e nada terá
Alicerce da sociedade crescente ...
Mas terá hoje o nascente
Com que sua fome fartar?



CLAUDIÃO⁴

Silêncio

Silêncio nosso amor
Está morrendo
O coração está sofrendo
A dura desilusão
De te ver nas mãos
De outro
Dói em mim
Meu coração
Pois siga o teu caminho
O caminho da ilusão

⁴ Poeta, membro da Academia Passo-Fundense de Letras.



DIEGO CHIMANGO⁵

Dádiva

(Para Liana Fauth Vargas)

Você chegou em um momento
Tão complicado em minha vida
Quando sozinho eu tentava
Cicatrizsar uma ferida
De um amor que eu desejei
E enamorei perdidamente
Quando pensei que era eterno
Tudo acabou tão de repente

Jurei jamais amar de novo
Vivia amargurado e triste
Você surgiu em meu caminho
E me mostrou que o amor existe
E transformou em pingos d'água
Os oceanos que chorei
No seu olhar pude encontrar
A paz que tanto procurei

Então das cinzas ressurgi
Quando teus lábios eu beijei
Lhe entreguei meu coração
Deu-me tudo o que sonhei
Você mulher é um presente

⁵ Amante do conhecimento, dedica-se à pesquisa histórica de Passo Fundo e do Rio Grande do Sul. Colaborador do Projeto Passo Fundo, da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo. Diretor de redação do Jornal e Revista Sonar. Tem publicações no portal Planeta Grenal e revista Água da Fonte (APL). Edita o periódico do Hospital Beneficente Dr. César Santos.



Que Deus lá do céu me enviou
É um anjo bom de carne e osso
A face perfeita do amor



Mulher

DIEGO CHIMANGO

Quisera eu ter os versos de Vinícius
Para descrever teu andar, teu olhar, teu calor...
Quisera eu ter a pureza de Quintana
Para dizer-te ao ouvido singelas palavras de amor

Dos meus versos és a rima
És a estrela que ilumina o viver deste poeta
E mesmo que eu morra em minha vereda lacrimosa
Tua presença majestosa me acalenta e me desperta

Genitora da vida, pelos homens querida e aclamada
Mulher amada... mãe, esposa, menina, garota...
Ah! As Mulheres: nascemos do ventre de uma
Para morrermos nos braços de outra

Vencedor da 4^o Edição do Concurso Poemas Nos
Ônibus Coleurb - Abril/2005.



Pétalas do Coração

DIEGO CHIMANGO

“Quem ama supera tudo
Quem ama jamais esquece
E qualquer minuto longe
O seu coração padece
Chora quando a dor machuca
Saudade aperta e entristece
Mas mesmo que sofra assim
Seu sentimento é um jardim
Que todo dia floresce.”



FERNANDA NOAL⁶

Vai Entender

“E é esse teu sorriso largo e despreocupado o que me rouba todas as forças, mas ao mesmo tempo é o que me fortalece”, eu disse.

“Vai entender”, ele disse.

E eu pensei comigo, “você deveria tentar”, mas não disse nada.

Não queria aborrecê-lo com banalidades como o seu sorriso ou seus olhos iluminados, mas indiferentes. Só queria fazê-lo sorrir ainda mais, só queria que seus olhos um dia pudessem brilhar daquele mesmo jeito ao falar de mim.

Eu o queria muito mais por dentro do que por fora, eu o precisava.

“Vai entender”, ele disse.

E eu fui embora. Se me merecesse, tentava; se me quisesse, pousava a mão no meu ombro e me pedia pra ficar. Era o que eu teria feito.

“Aonde você vai?”, foi o que ele disse.

E eu pensei comigo: se fosse recíproco, você teria vindo junto comigo. Então continuei andando, sem olhar pra trás e também sem dizer nada.

⁶ Nasceu em Passo Fundo em março de 1993. Aos dez anos mudou-se para Santa Catarina, onde viveu por oito anos. Retornou à sua cidade natal em abril de 2011, ingressando no Projeto Passo Fundo recentemente. Escreve principalmente poemas, contos e crônicas. Está trabalhando em seu primeiro romance que espera publicar em breve.



Bilhar

FERNANDA NOAL

O que você tem de entender é que eu sou uma pessoa extremamente simples, recheada por algumas complicações.

Ou você aceita isso, consciente de todos os riscos e me ama com todas as suas forças ou você parte. As pessoas geralmente vão embora.

Mas eu não consigo ser pela metade, entende? Eu aposto todas as minhas fichas em você, mesmo sabendo que as chances de perder são enormes e muito maiores do que as de isso dar certo.

Então se escolher ficar, fique por inteiro, que aos poucos a gente se aumenta, se acrescenta um ao outro.

Porque eu sou assim mesmo, não gosto de diminuir. Eu quero mais, por muito mais tempo, quero maior, quero mais intenso. Quero te fazer sentir essa vibração imensa que existe dentro de mim.

Mas, se você decidir ir, vá sem olhar para trás. Sem me mandar nenhuma mensagem, sem pedir de novo para entrar.

E quando a gente se encontrar na rua, não use máscaras. Eu posso aceitar somente a sua amizade e isso será maravilhoso pra mim. Mas não me venha falar de amor, porque se fosse mesmo amor, seria desde o início e valeria todos os riscos.

E então, se fosse realmente amor, você não teria partido.



Vulnerável

FERNANDA NOAL

Quero olhar pra ti enquanto for possível
Quero permanecer ao teu lado
A curva dos teus ombros me acolhe
E teus olhos são como espelhos, misteriosos e insensíveis
As covas do teu sorriso fazem com que me perca devastadoramente
Nem acorrentada a um bloco de uma tonelada
Eu estaria mais presa, comprometida ou vulnerável
Do que estou agora



Sem Razão Alguma

FERNANDA NOAL

Eu perco as palavras
Esqueço as mágoas
Escondo meus segredos
Pra que você não os encontre nunca

Disfarço meus medos
Tento esfaquear a culpa
Mas ela me persegue durante as noites
E impede que eu durma

Os sonhos espatifaram-se nas nuvens
Como se fossem grandes cubos de gelo como elas
A dor das lembranças me conforta, me massacra
Quebram-se as duvidas, mas renascem as mágoas

As cinzas voltam ao papel
E os sorrisos afogam-se outra vez em lágrimas
Dirá que é loucura
Talvez esteja certo

Mas e você, onde está?
E a sua voz de onde sai?
Se já não enxergo seus lábios?
Se já não os sinto em seus beijos?

A melancolia não era o único mal?
Foram-se os tempos de boemia
Sem razão alguma, sem justificativa
Sem ritmo, sem companhia



DINAIR FERNANDES PIRES⁷

DUALIDADE

Meu **TODO** tem duas partes...

Uma delas **povoada**,
cheia de gente,
repleta de sons,
perfumes,
poeiras,
estradas.
Caminhadas sem fim e,
curtas jornadas.

Outra parte...é **solitude** ,
que engraçado!
A **solitude** é mais doméstica,
aconchegante,
repousante,
recatada,

⁷ “Natural de Santana do Livramento, há 47 anos escolheu Passo Fundo para estudar, trabalhar, constituir família e cultivar laços de amizade e companheirismo. Seu pai foi o primeiro poeta que conheceu e sua mãe a embalava com versos. Apaixonada por livros, viveu sempre cercada deles, e o gosto pela leitura e a escrita a acompanha desde a infância. Sempre que escreve algo que considera interessante, compartilha, publicando em jornais, revistas ou sites literários. Participou de dois concursos da COLEURB: “Poemas nos Ônibus”, sendo premiada e tendo seus textos publicados nas coletâneas de mesmo título, nos anos 2003 e 2005. Participa, com publicações de diversos gêneros, na revista Água da Fonte da Academia Passo-Fundense de Letras. Em 2006, lançou o livro A vida em quatro estações. Em 2011 participou da Coletânea de Poemas do Projeto Passo Fundo. Dinair Fernandes Pires(Vó Ina)”.



em um confortável canto:
fechada.

Preciso tomar cuidado:
uma pode tornar-se estressante,
a outra...entediante!

Dinair Fernandes Pires
12/09/2007

(inspirado no texto:TRADUZIR-SE, de Ferreira Gullar)



Colo de mãe

DINAIR FERNANDES PIRES

*Tenho procurado muito
algo que se pareça
a colo de mãe:*

*um lugar
um momento
um perfume
um som
um conforto
um sopro
... nada!*

*Tenho tentado
na prece
no canto
no beijo
no olhar
no sabor
no saber
... nada!*

*Tenho buscado
na brisa
na flor
no pássaro
no calor*



*no sol
no luar
... nada!*

*O colo de mãe
está guardado
na saudade,
duma orfandade
inconformada
que não tem idade.*



ComPAIXÃO

DINAIR FERNANDES PIRES

Troca de olhares,
expressão de luz.
Algumas palavras ,
entre sussurros, afagos.
Mãos entrelaçadas,
tímidos abraços.
Beijos encabulados,
toques mais ousados.
Passos apressados
pra ver o amado.
Coração batendo forte
descompassado.
Respiração ofegante,
corpo escaldante.
É brasa, é fogo,
jogo dos amantes.

comPAIXÃO fomos um
perdemos a razão,
mandou só o coração.
Rolamos no colchão,
acabamos no chão!

O amor tomou forma,
ganhou espaço,
deitou raízes,
instalou-se na alma.

Hoje tem gosto de **COMPAIXÃO**
feita com zelo,



com cuidado,
com desapego,
acarinhado.
Repleta de doação,
de generosidade,
de companheirismo,
de atenção.
Nosso amor necessitava disso,
pra ser completo,
pra fechar o círculo
da construção.
Embora pela dor,
a fé e a esperança
continuam acesas,
abençoando a nossa união.



TRISTEZA

DINAIR FERNANDES PIRES

Tristeza ocupa espaço, pesa,
desfaz o cheiro, o sabor e a cor.

Tristeza tem forma, tamanho,
congela o tempo, o som e o compasso.

Tristeza tem força, poder,
destrói,
corrói,
dói.



VAZIO

DINAIR FERNANDES PIRES

Não há revolta
nem queixumes.
Não há desespero
nem lamentos.
Não há maldição
nem prantos.

Apenas
o silêncio,
a inapetência,
a inércia,
a escuridão.



CHUVA

DINAIR FERNANDES PIRES

CHUVA FORTE,
CHUVA FINA,
CHUVA MIÚDA.

CHUVA com vento.
CHUVA de pedra.
TEMPORAL!

Ventania... correria...
leve neblina...nostalgia.

Ramo bento queimando,
mamãe rezando,
menina pequena,
os espelhos, tapando.

Lá fora...água lavando sarjeta,
menina maior, brincando
como borboleta:
molhada, saltitante,
cabelos pingando,
roupa grudada no corpo,
olhos grandes penetrantes,
embaçados e brilhantes.

CHUVA que LAVA
CHUVA que LEVA
CHUVA que EMBALA
CHUVA que AFAGA
CHUVA que ACOLHE
e que é carícia



pra corpo cansado
pra alma sofrida.

CHUVA que é VIDA
CHUVA que NUTRE
CHUVA que MATA
CHUVA que SALVA
CHUVA que ROMPE
o grão da semente,
secando o suor
de tanta gente.

Ah! Chuva bendita,
chuva bem-vinda,
chuva rezada,
chuva esperada,
chuva presente...
volte novamente



Trilogia do rio

DINAIR FERNANDES PIRES

Navegar...
Seguir,
Voltar
ou encalhar?
A decisão é pessoal.
Mergulhar...
Com arrojo
ou fluidez?
O resultado pode ser:
prazer, loucura ou
insensatez.
Voltar ao leito...
Correr mansamente,
distanciar,
viajar,
ou devanear?
Um barulho forte
me despeita!
Retomo,
acordo...
Bate a porta.

(Após reflexão do texto "NAVEGUE", de Fernando Pessoa.)



MÃOS ENROLADINHAS

(para Rafaela)

DINAIR FERNANDES PIRES

A voz é doce,
segura e macia.
Por si só,
uma poesia.
A pergunta é leal,
nascida no toque.
É forte e certa,
como tiro de “bodoque”.

- Vovó, por que suas mãos são “enroladinhas”?

Se enrolaram na vida,
acariciando ferida.
Se enrolaram no amor,
salpicadas de dor.
Se enrolaram no trabalho,
hidratadas com orvalho.
Se enrolaram no cabelo,
que perdeu a cor.
Se enrolaram nas contas do terço,
a rezar com fervor.
Se enrolaram nos gestos,
jeitos, trejeitos,
tentando explicar
o que está preso no peito.
Se enrolaram na escrita,
pensada, dita e não dita.
Se enrolaram no papel,
na panela e no cordel.
Se enrolaram no carro,



no controle e no chocalho.
Se enrolaram nos livros,
no giz, caneta e arquivos.
Se enrolaram na carícia,
na leveza e na malícia.
Se enrolaram no pulso cerrado,
na força, na luta,
pra conquistar o sonhado.
Se enrolaram, segurando o tempo
que escorre nos dedos
e o cair do dia,
que acorda os medos!



DESPEDIDA/ÚLTIMA VEZ

DINAIR FERNANDES PIRES

Um tchau...
flores, abraços,
celebração, recomendação...
A dois, em grupo, em família,
com colegas, vizinhança,
adultos, crianças.

É despedida:

por horas, dias, meses, anos, **sempre.**

Despedida é racional,
pensada,
planejada,
consciente.

Às vezes não desejada,
mas pontual.

Última vez é surpresa,
nunca se sabe,
é arapuca,
falta de chão,
golpe no escuro,
tornado, vendaval.

Última vez é atemporal,
o espaço apaga,
a emoção comanda,
a cabeça roda,
o corpo treme,
a alma se entrega.

Última vez é sumiço,
fogo que apaga,



fumaça que vai,
nuvem que flutua solta no ar,
luz que se some pra nunca mais!



ABRAÇO DO SILÊNCIO

DINAIR FERNANDES PIRES

O corpo suado,
a alma lavada.
Respiração ofegante,
coração aos pulos.
Volta a essência,
mente calma.

Nada a dizer...

O pranto convulso,
a dor penetrante.
Raiva, revolta,
grito preso.
Convulsão de ânsias,
perturbação, cansaço.

Nada a dizer...

A tristeza é infinda,
buraco negro.
Solidão, vazio,
lamento.
Desesperança, fragilidade,
desânimo.

Nada a dizer...

O **abraço** é o amparo,
é o sorriso,
é a força.
O **abraço** é o conforto,
é o calor,
é o amor.
O **abraço** é a esperança,
é a confiança,
é a fé!



GETULIO VARGAS ZAUZA⁸

Navegando na ilusão

Vejo o ser humano navegando na ilusão
num sonho que acredita ser real,
mas é como pluma levada de roldão
ao sabor das leis que regem o vendaval.

E no sonho fantasia ter muita importância.
Acredita ser o que não é e “vive” a cena.
Sente-se aquele herói imaginando em criança,
nem se dá conta como “sua alma é pequena”.

Me pergunto: será a vida sonho acordado?
E se a humanidade em verdade viver sonhando?
Haverá tempo suficiente para despertar?

Eu que tudo vejo me espanto, fico paralisado.
E na importância de nada poder fazer fico pensando:
onde essa dormência vai nos levar?

P.F 16/11/2012
22h 45min

⁸ Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e articulista do jornal O Nacional onde publicou inúmeros artigos sobre psicologia – sua especialidade -, sobre urbanismo, educação, política, sociologia, ciência, filosofia e, ainda, contos e crônicas. Autor do livro de poemas Cânticos do Amor à Vida, de 1984.



Compaixão

GETULIO VARGAS ZAUZA

Me compadeço pelas crianças que estão chegando agora,
pelo Mundo que vão receber.
Me compadeço dos jovens, pelas ilusões que irão viver
Me compadeço pelos velhos que ainda terão que esperar a hora
para poder morrer.

Parabenizo aqueles que viveram na realidade,
Que ilusões não precisaram ter
e que no dia que partirem não levarão, nem deixarão saudade.

Eles são agradecidos, pois fizeram por merecer.

P.F 10/08/2012
13h30min



Sou...

GETULIO VARGAS ZAUZA

Sou pedra e dela ganho dureza
Sou água e dela tenho fluidez
Sou ar e do ar ganho transparência
Sou fogo e dele tenho calor

Por ser água eu aguento a estupidez
Por ser pedra sustento a firmeza
Por ser ar tenho livre a consciência
Por ser fogo queimo a dor

Com quatro elementos construí um Templo
minha única casa digna de oração
é nela que habito e contemplo o Firmamento

de onde parto para a viagem pelos Planetas
e no retorno visito as Estrelas
Chego e recomeço uma nova vida

P.F 03/07/2012
15h14min



JÚLIO PEREZ⁹

Império do Novo

(Dedicado aos prédios históricos de Passo Fundo, muitos postos a baixo na calada da noite, como a Casa Gabriel Bastos)

Ergue-se o novo
no lugar do antigo.

Apaga-se da memória
um pouco
muito
da história
de Passo Fundo.
Casarões
que vêm a baixo
de mansinho
para não despertar
o ódio escarninho
de quem ali
também
se vê um pouco
derrubar.

Roubam o passado

⁹ Membro da Academia Passo-Fundense de Letras. É auditor público externo, do Tribunal de Contas do Estado. Cultiva a literatura como paixão e acredita que ela pode mudar o mundo. Publicou seu primeiro livro - Expresso Instante - em 2006; o segundo - Fugaz Idade - em 2010 - e o terceiro - A Bolsa da Minha Mãe e Outros Contos - em 2012. Os dos últimos, em parceria com o Projeto Passo Fundo. As obras podem ser adquiridas nesse portal.



comum
de um povo
de quem
ninguém se sente devedor.

Terá a propriedade
tal autoridade
para abolir
as idades
de quem as viveu?

No creo
pero
que las viviendas
no hay más
ah, no hay!

E não há
quem as ressuscite
depois de mortas.

Como recuperar
a vida de uma casa
revelada
nos tijolos
- gastos –
na madeira
- carunchada
recuperada
falquejada
pela vida?

Impossível!

O espírito que a habitou
já navegou
para outras paragens.



Desalojaram-no...

Volta para o Tempo
que é o alimento
que o mantém
por anos
em determinado
lugar.
Ainda haverá de passar
muito
até que outro espírito
habite
o novo
que derogou o antigo.

E até lá
já não garanto
poder chegar.



MARIA PEQUENA

Júlio Perez

(Dedicado a Maria Meirelles Trindade, a Maria Pequena, morta em 28/11/1894 na defesa do filho e do marido, durante a Revolução Federalista, em Passo Fundo)

Para e contempla
o que se apresenta:
é o vulto de uma santa?
a imagem de uma besta?

Não, é o espírito da Maria Pequena
que a tradição
chamou de santa
que outros
difamaram-na de puta.

Sina da mulher
da mãe
da esposa
que nos idos da Revolução Federalista
em 1894
tiraram-lhe a vida
da forma mais torta
da maneira mais bruta:
pela degola.

Prática comum
nas lidas de campo
daquela época
com as ovelhas.



E tal como uma
aquela índia se portou
na defesa do filho e do marido
pica-pau
quando o piquete maragato
lhe assediou
às margens do Arroio Raquel:
não deu um pio
do que eles queriam ouvir.

E nem depois de morta
a deixaram descansar
pois seus restos mortais
foram removidos
por medo
do que pudesse representar:
a imagem de uma santa
- do cordeiro imolado –
na defesa dos seus.

Sobretudo por aqueles
que representando o poder local
não podiam admitir
que uma bugra
filha da índia Marcelina Coema
fosse objeto
de culto popular.

E assim seus ossos
do cemitérios dos anjinhos
das mães que enterravam seus filhos pequeninhos
junto a sepultura azul – a cor da sua primeira lápide –
foram removidos
de lá para cá
até que uma alma piedosa
- ou nem tanto –
a emparedasse sob o altar
da catedral



de modo que culto
só viessem dar
depois de os autorizar
já que nem lápide
há no lugar
- sob os pés
do culto oficial.

Mas não puderam apagar
da memória do povo
aquela que até hoje
é considerada
a primeira santa popular
de Passo Fundo.

(Baseado nos relatos de Paulo Monteiro
e Miguel Guggiana e nas ilustrações de Leandro Doro)



LEONARDO NUNES NUNES¹⁰

Viandante

Leon Nunes

21 de abril de 2012, sábado

05h41min – 06h03min

Uma madrugada insone.

Tendo eu viajado por estradas estranhas
Fui dar a uma planície
não menos estranha
Cuja magia me foi contagiante.
Cheguei com fome e sede
e, invisíveis, mãos me deram de comer e beber.
Porém, apesar da realidade
que meus olhos viam,
Aquilo nada tinha de real
E quando fui atinar o que realmente acontecia
Me encontrei – de novo – naquele caminho
que percorria.
Tudo era repetição
e incontáveis foram as vezes que me vi naquelas estradas estranhas
E também naquela planície.
Se tudo foi um sonho
Se tudo foi uma realidade

¹⁰ Autor do romance *Fúnebre Cortejo*, lançado pelo Projeto Passo Fundo no verão de 2011, possui participações em antologias de contos. A saber: "Algumas Ficções" - Ed. DeLeon - 2007 - com o conto "Caçador Noturno"; "Irmandade das Sombras - contos de terror, horror e fantasia"; CBJE - 2008 - com o conto "A Devoradora d'Almas"; "Autores Fantásticos" - Ed. Argonautas - 2012 - com o conto "A origem do Horror de Red Hook"; "Suburbia - os filhos da guerra" - Ed. Estronho - com o conto "Um Limite para a Escuridão".



inventada
Se viandei por mundos
escusos
Por que então? Por que continuo a viandar?
Por que não cessou minha caminhada eterna?

Somente *ontem* fui perceber.
Minhas mãos estão manchadas.
É que eu não nasci ainda
Para o horror desta vida.
Sou apenas um viandante
À procura da verdadeira das jornadas.



O Sonho

LEONARDO NUNES NUNES

Nota do autor: Não é o negativismo criando voz e falando mais forte. É apenas minha constatação dum mundo cada vez mais doente, impotente diante de uma força invisível e cego para poder tomar providências.

Tenho de admitir: *sonhei*.
Sonhei com um mundo sem dor,
sem sofrimento
Calmo e sem pobreza.
Sonhei com um mundo coberto por uma luz divina
Pelo manto do Divino
Pela paz bíblica.
Sonhei com anjos (Anjos!) dos Céus
que desciam do Céu em seu completo frescor
que dançavam uma bela melodia.

Sonhei que o mundo podia
ser um dia
liberto.

Sonhei com um mundo sem dor,
sem sofrimento
Calmo e sem pobreza.
Mas acordei
– Acordei! –
E vi um mundo abalado
Pobre e intranquilo.
Vi um mundo coberto por um manto escarlate
de sangue e Morte
Banhado pela luz mortiça
de inúmeras eras condenado
a um tormento sem paz.
Vi um mundo tomado p'rum incontrolável
Horror



Pelo Mal *sodomitæ*^[1]
Vi que os anjos (Anjos!)
Felizes somente em meus sonhos
Choravam
– Amargamente ! –
tristes
A este grande sofrimento.
Sistematizado (era) esse Horror
Oculto, também.
No vácuo,
por onde escoam quaisquer esperanças,
Sugados todos (nós!) eram.

Cadê a paz que
um dia
Eu sonhei?

Vi um mundo descortinado
De toda aquela – vã – esperança
d'outrora
De toda aquela certeza
agora morta
De que haveria um lugar melhor (para morar).

Vi
esmorecer
vãs palavras as quais tinham-se como verdadeiras.
Vi
esmorecer
a resistência da carne
A fortaleza do mais crédulo
Brincando despreziosamente com o Destino
Em outra hora
apenas um *menino*^[2]
Entibiando o que antes parecia ser um vivo interesse d'alma
Evocando, em silêncio, deuses e deusas mal-afamadas.

Viria *et hinc illæ iræ*^[3]?



O completo desenlace?

Sonhei que o mundo podia
ser um dia
liberto.

Vi

(agora)

Que dependia duma nova “Idade das Trevas”

Para

um dia

Poder ter – Remota, Remotíssima –

Chance alguma de *Salvação*.

[1] Latim: Sodomita. Aquele que pratica a sodomia. Ou, no poema, simplesmente “sodomizado”. *L.N. Autor*

[2] Refiro-me à juventude da Terra. *L.N. Autor*

[3] *Viria daí esta vingança?* – Do Latim.



MARIA CRISTINA MARTINS¹¹

Fera Rubra

Não é por acaso que meus olhos choram
Tua alma em sangue derrama do
Fera rubra de ardor sanguinário
Por ti não serei derrotado

Moça triste e bela
Tu te mostras doce e singela
Eu te salvarei
Minha amada donzela

Sou guerreiro simples de alma solitária
Cuja espada rompe um tufão
Prometo eu te salvar
Desta ardente prisão

Fera de sangue drenado
Minha espada deixou travado
Após a batalha sinto-me ofegar
Agradeço a ti donzela, por em teus braços permitir-me repousar.

¹¹ Poeta, colaboradora do Projeto Passo Fundo



MARLENE KREMER¹²

DESCOLORINDO FLORES

Tua ausência, amado, tem efeito
De frio
Aqui em mim
Um gelo glacial
Invadiu-me... Tormento arredio
Desigual
...afins errantes - sabias?
E por ser visto como desleal
O abandono
O "mal" que enviaste de ti, a mim
Consumiu-me em noites sem sono.
Informal, preenche-me os dias vazios
Discreto amargor
...enquanto
Sob o olhar curioso do outono
Condenas bromélias – matizes do nosso jardim
A murchar muito antes da vinda dos frios

[morta a flor.

[arrepios.

Noites gélidas, Amor,
Pedem algo mais que um modesto cobertor.

¹² "Nunca tive a honrosa pretensão de denominar-me poeta. Costumo, sim, brincar com as palavras (elas me atraem) embora, por alguma vezes, elas próprias me traem."



CÓDIGO

MARLENE KREMER

*Mil vidas houvesse para eu viver
Mil vidas me teriam a enunciar
Uma fórmula 'ainda' secreta
Distante
Talvez, um tanto tímida,
Porém... Sensata.
Mas que se dita na forma correta
Revelar-lhe-ia - sem dizer - do segredo
Dos desejos,
Das descobertas
Do código
Às senhas secretas
Que já não mais o protegem
Deste meu inocente
Incomum,
Infinito amor
Por você... por você, por... Você.*



UM ESTRANHO NO NINHO

MARLENE KREMER

Me chegou imitando a anatomia,
A mais bem sucedida
E vindo dum emaranhado de linhas
Feito enfeite
Esta caixinha colorida
– presentão!
Um tilintar, um amontoado de sucessivas batidas
Enclausuradas nesta leve prisão,
O que seria? Aflorou de si, então,
A Resposta
...uma revelação...
Como que desvendado
Por um Raio X
- Coração!
Traz consigo e escondido
E me diz
Daquele algo secreto
Denominado... Paixão!
Eis que um estranho no “ninho”
Volveu do segredo (o esconderijo),
E sem segredos velou por noites e noites
Um sono e uma Razão, sem a mínima razão.
E mesmo estando ausente
Pôs-se a fazer presença
Antes e durante,
(entremeando convulsivos sonhos).
Abastadas, fizeram-se minúsculas as nascentes
Deste amor líquido,
Emergente,
Desejoso do Alimento simples,
Porém, suficiente.
Se em decocção,
Alívio: absinto na dor



Que e quando ali destilado
E destinado a vítima carente
Do amor ardente... Sedução!



PERTES CAROLINO PINTO¹³

RITMO COMPASSADO

Tic tac, tic tac o relógio a soar
Tic tac, tic tac segundos assinalar
Tic tac, tic tac os minutos a somar
Tic tac, tic tac horas vão se completar.

Tic tac, tic tac mais um dia vai passar
Tic tac, tic tac meses a se acumular
Tic tac, tic tac novo ano vai chegar.

Tic tac, tic tac o homem que o inventou
Tic tac, tic tac a humanidade escravizou.

Tic tac, tic tac é hora de trabalhar
Tic tac, tic tac o descanso vai chegar
Tic tac, tic tac bate o coração no peito
Tic tac, tic tac o compasso é perfeito.

Tic tac, tic tac o poema vou parar
Tic tac, tic tac esse deve continuar
Tic tac, tic tac...

¹³ Pertes Carolino Pinto, 52 anos, casado, pai de três filhos e avô. Em suas horas de folga e quando inspirado, ocupa o tempo divagando, rabiscando papeis e transformando em poemas alguns versos rimados. O trabalho por ele apresentado, não tem predominância definida e sim um estilo misto onde o autor busca enaltecer as mais diversas maravilhas da natureza e que estão a disposição da humanidade no seu dia a dia, sem às vezes se quer ser notadas. No seu entendimento, tão sublimes são estes momentos que deveriam ser uma constante.



ROSAS E MULHERES

PERTES CAROLINO PINTO

Rosa
Botão menina
Mulher, feminina.

Singeleza que ao desabrochar
No amanhecer, virou mulher
O perfume por ti exalado
É inconfundível.

Néctar suave
Que aos beija-flores alimenta
Aos homens atormenta.

Rosa, flor formosa
Que a natureza criou.

Mulher, trazes no corpo e na alma
A essência fragrante
Da flor, rosa.



OLHANDO PELA JANELA

PERTES CAROLINO PINTO

Da janela do meu quarto
Eu vejo o céu
Eu vejo o sol
Eu vejo a lua.

Da janela do meu quarto
Eu conto estrelas
Respiro ar puro
Eu vejo a rua.

De carona no pensamento
Percorro o mundo
Num só segundo
Dou asas a imaginação.

Tudo isso
Quem diria
Da janela do meu quarto.



NEGRO

PERTES CAROLINO PINTO

Pobre negro, rico escravo!
Retinta cor de fumaça,
Filho da mãe África,
Onde a vida iniciou.

Príncipe herdeiro do trono,
De um castelo natural,
Que ao reino abdicou,
Ao ser caçado como animal.

No atravessar dos mares,
A bordo de um negreiro,
Espalhou-se pelo mundo,
A troco de dinheiro.

Dono eterno de um perfil,
Geneticamente aguçado,
Sobreviveu ao destino,
E regime de escravo.

É hoje reconhecido,
Pelo árduo passado.



MAR

PERTES CAROLINO PINTO

Doce salgado mar
Com ondas onipotentes
No turbilhão de tuas águas
Há um mistério permanente.

Tua infinita beleza
Até os astros conquistou
E do céu em tuas águas
A cadente mergulhou

Nascendo a estrela do mar
Em um gesto de amor.



Tempo

PERTES CAROLINO PINTO

Tempo que passa
Ao sabor do vento, relento
Tempo que não volta jamais.

Há tempos bons
De aurora boreal, alquimias
Há tempos feios, dissintonias.

No lapso temporal
O tudo vira nada
Partículas de poeira
Heresias, poesias.

Na eternidade do tempo
Vejo a vida passar
Este, sim, continua.



BOCA

PERTES CAROLINO PINTO

Lábios carnudos
De perfeita simetria
Silhueta cor de rosa
Fruta apetitosa.

Boca bendita
Que beijos suscita
Do teu interior sai delícias.

A caprichos do amor
Borbulham milhões de beijos
Sem o censo do pudor.

Boca maldita
Que xinga, que grita
Que fala, que cala.

Tens no poder da oração
Magias do enaltecer, amar
Bem como a do desprezar.



SER ENIGMÁTICO

PERTES CAROLINO PINTO

Mulher querida
Muitas vezes incompreendida
Ser incomparado
Nascestes para ser amada.

Até o mais rude dos homens
Em teus braços se consome
Ao degustar do prazer
Que em tuas curvas há de ter.

Homem
Simplesmente a ame
Te embriagues de prazer
Sem tentá-la compreender.

Pois se o mistério decifrar
Condenado há de estar
Perdendo, então, o encanto
Daquela que amaste tanto.



COQUETEL DE AMOR

PERTES CAROLINO PINTO

Ao sentarmos à mesa
Sirva-me da tua beleza.

No embalo da dança
Embriaga-me com tua fragrância.

No aconchego da cama
Não precisa falar.

Basta me amar
E deixar eu ser feliz.



PLENITUDE

PERTES CAROLINO PINTO

VIVER SEM CESSAR É,
CRESCER, AMAR,
A RECIPROCIDADE ESPELHAR,
VER O AMOR MULTIPLICAR.

ÁRVORES PLANTAR,
FRUTOS COLHER,
A PROLE CONCEBER,
UM LIVRO ESCREVER.

TER A CONVICÇÃO,
DE CUMPRIR O DEVER,
REstando, ENTÃO,
DEFINHAR, MORRER.



FRÁGIL

Frágil é o toque da brisa
A folha que desliza
Na espelhada água do lago
Frágil é a mariposa
Que busca a luz e queima as asas
Frágil é o aroma da rosa
Deslizando no vento primaveril
Frágil é o luar de abril
Ou de agosto
Frágil e fino é o desgosto
Pontiagudo como gelo
Frágil é tocar e não ter
Amar e sofrer
Sonhar e chorar
Frágil é a vida
O canto
Amar
Frágil é a poesia
Tinta e página vazia
E duas pitadas de mágica...

¹⁴ Escritor, Astrólogo e Numerólogo, colaborador do Projeto Passo Fundo.



SINTONIA

RÉGIS CAANABARRO

Não diga nada
Não fale, por favor!
Que teu silêncio fale
Por teus olhos
Por tua boca
Por teus lábios
Quero sentir tua pele
O teu toque
O teu silêncio
A meu lado



MINHA JANELA

RÉGIS CAANABARRO

Há algo estranho
Na minha janela
É uma janela poeta
De um lado a noite se mostra
No outro, pássaros a voar
Um relâmpago corta o espaço
Nuvens pairam no ar
Uma planta brota nela
Pelas frestas da janela
Vejo o sol me espiar
Poesia pura tão bela
Na janela
Que é poeta
E eu
Só sei copiar



SEGREDOS

RÉGIS CAANABARRO

Os poetas têm segredos
Que não podem partilhar
Talvez um cheiro de vida
Talvez um favo de mar
A sinfonia que toca
Silenciosa ao amanhecer
A noite que nos sufoca
O vermelho do entardecer
As praias feitas de bruma
As brumas feitas de mar
Os homens feitos de sonhos
Os sonhos feitos de amar...



MUSA

RÉGIS CAANABARRO

A musa de minha obra
A musa de meu cantar
É o vento que sopra ligeiro
É a noite fria a vagar
É o sol que enxuga as pétalas
Úmidas do orvalho
É a tristeza do teu olhar
É a folha que vaga ao vento
É o mundo que vive a girar
É o amor que de vez em quando me domina
É a paixão que inflama meu coração
É a melodia, a solidão que predomina em meu mundo pequeno
É o sereno suavemente beijando as rosas
São os olhos verdes num rosto lindo
São os olhos azuis a me desafiar
É a paixão que às vezes me toca
É o silêncio da música triste
É o amor que a tudo persiste
É a malícia do teu andar
É o mundo, é a vida, a dor, a alegria e a tristeza contida no verbo
[amar.]



MULHERES

RÉGIS CAANABARRO

Estou cansado das mulheres roupas
Das mulheres meias
Das mulheres maquilagem
Das mulheres modas
Das mulheres aparência
Das mulheres coluna social
Quero as mulheres sonho
As mulheres sexo
As mulheres mente
As mulheres alma
As mulheres ternura

17/01/86



MULHERES II

RÉGIS CAANABARRO

Mulheres sol
A orientar minha vida
A guiar meus passos
Mulheres sombras
A me proteger
A me embalar
A me alimentar
Mulheres sonho
A povoar minha cama
A beijar meu lábios
Mulheres álcool
A ferver meu sangue
A arder minha alma
Mulheres lua
A causar poemas
A causar problemas
A causar lembranças
A causar tristeza
A causar angústia

25/01/1986



CAMINHOS

RÉGIS CAANABARRO

Nos caminhos do céu
Seguirás, ó poeta
Cairás muitas vezes
E chorarás amargamente
Haverá amores e dores
Sangue na boca ferida
Lágrimas nos lábios amargos
Tristezas nas horas vazias
Haverá muita, muita saudade
Mas vais achar
No fim da estrada
Uma luz
Alvorada
E renascerás

22/9/1985



LOBO DAS ESTEPES

RÉGIS CAANABARRO

Vivo só
Como lobo da estepe
Nevada
Branca, cor da dor
E os meus sonhos
Adormecidos
Hibernando
E a música toca
Tristemente
Na planície
Nos meus sonhos
De poeta
E o corvo voa
Gritando
Sobre meu cadáver vivo
Lágrimas nos olhos
E no coração só a vontade
De morrer.



TUA PRESENÇA

RÉGIS CAANABARRO

Na clara escuridão dos teus olhos
Espelho negro e plácido da noite
Brilhando chegam como meteoros
Buscando o espaço e o infinito de uma vida
Chegas tu como raio de prata
Da luz da lua
Como flocos de espuma
Flutuas no mar
Da serenidade e profundezas do espírito
Vences tu o penhasco e o abismo
Atravessas incólume as tempestades da noite
E assume a forma de pássaro e de brisa
Que penetra no peito
Que enche um coração
Com tua presença



TELMO GOSCH¹⁵

CATA - VENTO

Outubro 2011

Ensinaram os Pajés,
Longe vê quem é atento,
A lua, a estrela e a maré
Confirmam meu pensamento,
Já sabia São Tomé,
Como é mágico o vento.

Vem ele dos quatro cantos,
Como se fosse espírito,
Desce serra, vara o mar,
Vem das bandas do infinito,
O seu jeito de falar,
É um sussurro bonito.

Murmura em sua passagem,
Carregado de mensagem,
Com seu intenso rugir,
Transmite-nos coragem,
Quem medita e sabe ouvir,
Em seu lombo faz viagem.

Quem é leve em pensamento
Leva a vida prazerosa,
Tem ouvidos para o vento

¹⁵ Engenheiro Agrônomo e de Segurança do Trabalho, Passofundense, - 23/07/46. Filho de João Carlos Moreira Gosch e de Elvira Dornelles Gosch. Residente a mais de 30 anos no Estado do Tocantins. Servidor Público, Fazendeiro e Poeta Eternamente saudosos dos pagos. Gaúcho de nascimento, amor, saudade e formação. Tocantinense de coração.



Esta força poderosa,
Que põe tudo em movimento,
Mora na casa da Rosa.

És pobre em sentimento?
E não consegues sonhar?
Larga deste abatimento,
Enche teu peito de ar,
Procura o contentamento,
O Vento vai te ajudar.

Para energizar o pensar,
E teu sonho embalar,
Usa o encanto do vento,
Deixa a alegria voltar,
Medita calmo e atento,
À sombra de um Cata-Vento.

Continuas na mofina?
Usa outro tratamento,
Faça em cartolina,
Colorido Cata-Vento,
Sobe em uma colina,
Corre livre contra o vento.



ERVA MATE... CHIMARRÃO

TELMO GOSCH

10/2008

Tens nome - tens sobrenome,
Vens de família afamada
És *Ilex paraguariensis*,
No Bosque és consagrada.

Por tua fama, por teu nome,
Foste muito pesquisada,
O Gaúcho te consome
De tarde e de madrugada.

És colhida com amor
Nas coxilhas do Rio Grande,
Sepé tirava o vigor,
Do amargo de teu sangue.

És Sagrada tua aura,
No balcão da pulperia,
Alimentas china e taura,
Na forma quente ou fria.

No ritual galponeiro
Do chiru és lenitivo,
O teu sabor, o teu cheiro,
Tem algo de primitivo.

A cuia é tua vasilha
A bomba teu sorvedor,
A seiva verde fervilha,
O topete é tua flor.



Junto ao fogo de chão
E a chaleira sem idade,
Tu passas de mão em mão
Semeando hospitalidade.

Ao encerrar esta lenda
Da qual foi o motivo,
Fica a saudade da Prenda
No chimarrão de estrivo.



Coxilha

TELMO GOSCH

01/2011

Quando o Patrão do universo,
Criou a grande querência,
Ao sul do Rio Uruguai,
Usou de divina ciência
O nosso bendito Pai,
Esculpiu aquela paisagem
Usando o cinzel e o traço
Dispensou a velha régua
E abusou do compasso.

Nasceu assim a coxilha,
Num estilo arredondado,
O planalto verdeja em ilha,
Galopa ali a tropilha
Ali pasteja o gado,
O Minuano assoprado
Ronda o solo como fera,
Com seu hálito gelado
Forma seios sobre a terra.

Topografia sinuosa
Na baixada, na ravina,
A água sangra ruidosa,



Fresca, pura, cristalina,
É banho para o guri,
É fresco para a china,
Habita nesta partilha
Pintassilgo, Bem-Te-Vi,
Guajuvira e Coronilha.

No frescor em sua magia,
A lua clareia o campo
Luminosa em harmonia
Brinca com os pirilampos,
Que vigiam o Boitatá,
Esperto como o relampo,
Que vem pra aqui, vai pra lá,
Espanta o Tatu-Galinha,
O zorrinho a Paca e o Preá.

Na hora da Ave-Maria,
Em aquarela envolvente,
Aninha-se o sol no poente,
No topo, um cuera valente,
Montado em pingo de luxo,
Como se fosse num trono,
Anuncia num repente,
Este torrão é gaúcho
Estas coxilhas têm dono.



VICTOR SCOFIELD¹⁶

FICÇÃO CIENTÍFICA

Da Terra ao espaço,
do espaço à galáxia,
da galáxia ao universo,
do universo...
além da imaginação.

Da simples ideia ao impensado,
do impensado ao paralelo,
do paralelo ao infinito,
do infinito...
ao desconhecido.

Essa é a ciência sem equação,
mas que surge por equação
crítica e analítica,
da tecnologia à política,
da política à economia,
da economia a tudo isso...
pode se fazer ficção científica.

¹⁶ Nascido em São Paulo em 1991, pseudônimo Victor Scofield, é escritor de Ficção Científica desde seu primeiro ano na faculdade de química da UPF. Mora em Passo Fundo desde seus doze anos de idade; é músico (violino). Gosta de ficção científica desde muito pequeno. Crítico de cinema e apreciador da sétima arte.





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



Miguel Guggiana nasceu em Uruguaiana em 1948, radicado em Passo Fundo desde 1992.

Com formação em Administração de Empresas e Ciências Contábeis atua como empresário no ramo imobiliário. Na área da escrita considera-se filho do Projeto.

“Fera de sangue drenado
Minha espada deixou travado
Após a batalha sinto-me ofegar
Agradeço a ti donzela, por em teus braços permito-me repousar.”

Maria Cristina Martins

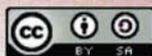
“Sou pedra e dela ganho dureza
Sou água e dela ganho fluidez
Sou ar e do ar ganho transparência
Sou fogo e dele tenho calor.”

Getulio Vargas Zauza

Iniciantes ou veteranos não importa. São dezesseis escritores a espera de um olhar sensível a acolhe-los.
Como o seu.



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

